UM OLHAR SOBRE O ESPAÇO

Edgar Martins passou dois anos na Agência Espacial Europeia a fotografar os seus recantos. Foi a primeira vez que um artista pôde fazê-lo. O resultado é o projeto aqui revelado e que dará origem a um livro e a uma série de exposições, das quais a maior vem a Lisboa, à Fundação Calouste Gulbenkian, em junho

Texto **Luciana Leiderfarb**

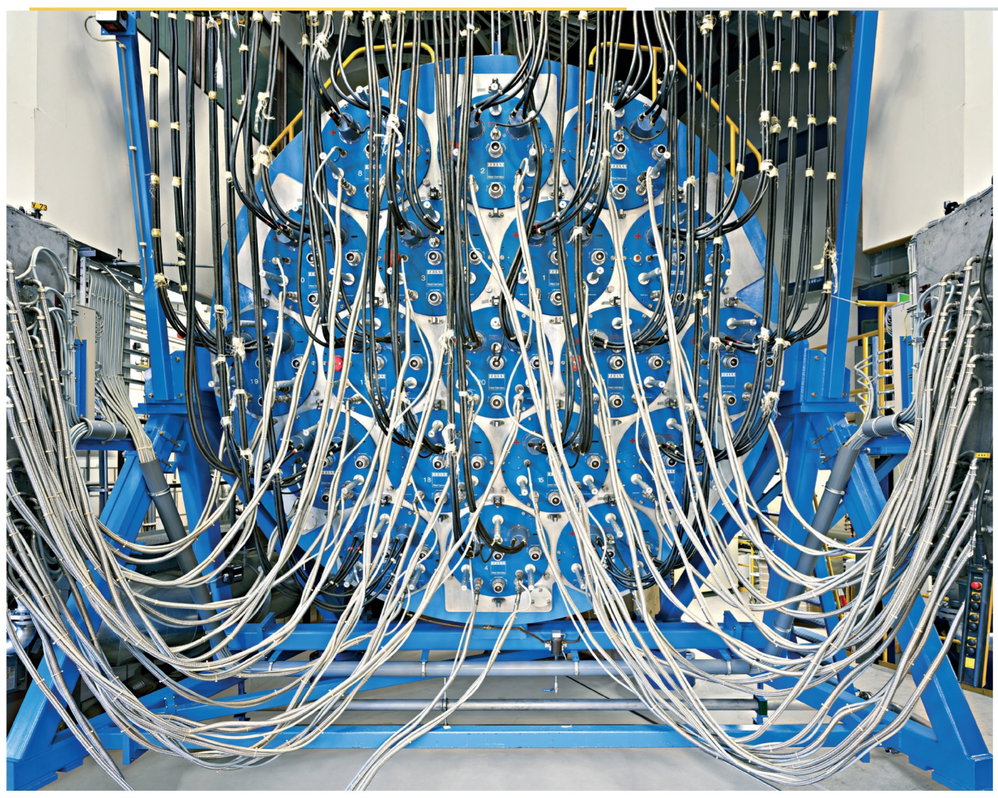
CORTESIA: EDGAR MARTINS (WWW.EDGARMARTINS.COM)/THE EUROPEAN SPACE AGENCY (WWW.ESA.INT)

Fatos Sokol no vestiário dos cosmonautas do Centro de Treinos de Cosmonautas Yuri Gagarin, localizado na Cidade das Estrelas, na Federação Russa

Quis produzir a mais completa viagem fotográfica por uma das mais importantes instituições espaciais do mundo. E quis fazê-lo sem prescindir do olhar do artista, um olhar que descreve ao mesmo tempo que especula, reconfigurando o objeto captado. O resultado foi "The Rehearsal of Space & the Poetic Impossibility to Manage the Infinite" — quase dois anos de literal mergulho nos bastidores das 15 instalações da ESA (European Space Agency/Agência Espacial Europeia), da Holanda à França, Alemanha e Itália, da Espanha à Rússia, do Cazaquistão à longínqua Guiana Francesa. Ao conseguir-lo, Edgar Martins (n. 1977) tornou-se não apenas a primeira pessoa alheia à agência a ter livre acesso aos seus recantos como o primeiro artista a colaborar com a mesma. "Acho que contactei a ESA num momento importante da sua história, em que está a repensar a sua ligação com o público e a necessidade de abrir-se um pouco mais", diz o fotógrafo.

Tudo começou, porém, pelo fascínio por um imaginário que Edgar Martins já cultivava e que deixou vestígios: uma vasta coleção de objetos dos anos 50 e 60 alusivos à conquista do espaço e uma ampla biblioteca de física e ficção científica. A isto junte-se as referências feitas, em trabalhos anteriores, a teorias e conceitos da cosmologia, ao que não se conhece, revelando uma vontade de "suplantar a função documental da fotografia e de conectar as imagens a um mundo além do documento". Some-se ainda a opção artística de trabalhar "inserido em ambientes de difícil acesso", à procura das técnicas e do diálogo que estes possam ativar. A ESA, que ao contrário da NASA jamais tinha deixado entrar um artista nas suas instalações, era o lugar onde tais vetores confluíam. E era também um gigante do qual se sabia muito pouco.

"Escrevi-lhes uma longa carta onde apresentei uma proposta bastante ambiciosa, e a reação foi fantástica desde o início. Mas não sabia como é que encarariam o projeto ou que tipo de acesso iria ter. A ESA compreendeu que tinha de haver um certo distanciamento entre o meu trabalho e a imagem que



CORTESIA: EDGAR MARTINS (WWW.EDGARMARTINS.COM)/THE EUROPEAN SPACE AGENCY (WWW.ESA.INT)

Refletor em aço inoxidável, do M&C Laboratory; Grande Câmara Europeia de Ensaios Acústicos (LEAF); Simulador grande de ambiente espacial incluindo radiação com o espectro do Sol (da esq. para a dir.). Todas as imagens foram captadas na ESA-ESTEC, em Noordwijk, Países Baixos

pretende promover e concedeu-me livre acesso a todas as suas instalações, programas, bases de dados, arquivos...", conta Edgar Martins. Neste longo percurso, viu-se a si próprio como um topógrafo ou um arqueólogo visual, que "adota as ferramentas do ambiente" onde está a trabalhar, que aprende com os espaços ao mesmo tempo que os estuda, que parte à descoberta do potencial escondido, narrativo, dos objetos e situações com que se depara. Se importava familiarizar-se com tudo o que o rodeava, "ser um deles", as pessoas com que se cruzou só tacitamente entram nas suas fotografias. Como figurantes de um universo que sobrevive sem elas.

"Em todos os meus projetos anteriores, como 'The Time Machine', sobre as centrais hidroelétricas portuguesas, a exclusão de pessoas foi uma decisão consciente. Porque sempre achei que, havendo pessoas, as fotografias perdem um pouco a sua intemporalidade. Mas, neste caso, essa decisão foi menos cabal e teve também a ver com a realidade destes espaços, que são bastante solitários, com cronogramas específicos para o seu uso", explica. Havia também a questão do método, da forma de fotografar, que exige estar à frente do objeto, que privilegia máquinas de grande formato e chapas fotográficas à tecnologia digital. "Eles estavam habituados a fotógrafos que documentam e mostram logo o resultado na câmara digital. No meu caso, teve de ser criada uma relação de confiança, porque as pessoas não podiam ver de imediato o que eu estava a fazer."

"O meu trabalho confirmou a ideia que eu tinha de que a exploração espacial é vital para o desenvolvimento do planeta. E, apesar de ser tradicionalmente associada à segurança ou às aspirações políticas dos Estados, é óbvio que se abriram as portas à privatização e à comercialização do espaço"

Tal abordagem técnica acabou por 'forçar' situações até então impensáveis. Na Holanda, nas instalações do ESTEC, o maior centro de testes da ESA, Edgar Martins encontrou o Large Space Simulator, uma câmara de vácuo única que recria as condições atmosféricas no espaço. Quem alguma vez a fotografou, fê-lo da porta exterior, não lhe sendo permitido entrar. "Eu perguntei se podia ir lá dentro. Era uma coisa que jamais pensariam que podia ser feita, mas autorizaram. Estava completamente escuro e tive de fotografar nessa escuridão. Como o trabalho não ficou bem à primeira, voltei três vezes." Se o elemento experimental esteve presente mesmo em espaços altamente controlados, o da descoberta pessoal também se impôs. A primeira vez que viu um fato espacial veio dissipar, no fotógrafo, uma dúvida sobre a forma como os fatos seriam arrumados que o assaltava desde criança. A rocha lunar que teve entre as mãos confrontou-o com questões de escala, da pequenez de que é feita a grandeza. E o contacto com astronautas iniciou-o nos rituais da ausência, nos três objetos pessoais que eles podem levar nos bolsos dos fatos ou no chamado Personal Preferences Kit, um saco com o peso de um litro de água onde colocam 20 coisas que os acompanham na viagem sem lhes poderem mexer. Ele próprio dormiu, durante a estada no Centro Yuri Gagarin, na Rússia, num *profilactorium*, nome dado ao local onde os astronautas fazem quarentena antes ou depois das missões.

Mas, afinal, que história Edgar Martins acabou por contar? "O meu trabalho confirmou a ideia que eu tinha de que a exploração espacial é vital para o desenvolvimento do planeta. E, apesar de ser tradicionalmente associada à segurança ou às aspirações políticas dos Estados, é óbvio que se abriram as portas à privatização e à comercialização do espaço. A indústria de satélites comerciais cresceu de forma impressionante. O que me deixa contente é ter testemunhado que, no meio de tanto progresso tecnológico, a exploração espacial continua a ser uma área intrinsecamente dependente da pessoa, do ser humano." As imagens por ele captadas, a estranha geometria emocional de um mundo assético, a utopia realizável dos homens, a distância e a proximidade entre o que se imagina e o que se vê, tudo isso deu origem a um livro, a ser lançado em maio, e a uma itinerância do projeto, que começa a 6 de maio com uma mostra no Wapping Project Bankside, em Londres, seguindo para a Fundação Gulbenkian, a 28 de junho, com uma grande exposição que já tem nome: "O Ensaio do Espaço e a Impossibilidade Poética de Conter o Infinito". Outras paragens são Nantes, Rio de Janeiro, em finais de 2014, e de novo o Reino Unido, em janeiro de 2015. Os eventos prosseguem previsivelmente até 2018. Nada mal para um trabalho onde só o céu era o limite. Λ

lleiderfarb@expresso.impresa.pt

Caderno de notas do astronauta da ESA Jean-François Clervoy, com uma lista de "fun things" para fazer no espaço